



O Papa Francisco com Henrique Cymerman O jornalista português está no centro da organização da importante viagem papal a Israel

O PORTUGUÊS QUE LEVA O **PAPA** **FRANCISCO** À TERRA SANTA

Henrique Cymerman, correspondente da SIC em Israel, é a figura fundamental por trás da visita do Papa àquele País e aos territórios palestinianos, este fim de semana, entre os dias 24 e 26. E tudo começou com uma pergunta de Francisco, ao português, em junho do ano passado. Agora, como diz o chefe da Igreja Católica, «o Henrique resolve»...

POR **FILIPE LUÍS**



REUTERS/ALISSA QAWASMA



مرحبا بكم في الأرض المقدسة

Welcome to
the Holy Land





No Vaticano Cymerman conversa com Francisco e o rabino judeu de Buenos Aires, Abraham Skorka. Ali nasceu a ideia da viagem

O que posso eu fazer pela paz na Terra Santa?» A pergunta é do Papa Francisco e o seu interlocutor é um jornalista português, de origem judaica, correspondente da SIC em Israel. O cenário, uma salinha impessoal, mobilada com modéstia. Uns sofás, uma mesinha de trabalho, uma alcatifa. O local, a Residência de Santa Marta, onde vive o Papa, depois de ter dispensado o fausto do Palácio do Vaticano e de optar por uma suite, forrada de livros, com papéis pelo chão, nos quais ninguém – nem quem lhe faz a cama e limpa o modesto aposento – se atreve a mexer. A data, junho de 2013. O jornalista acabara de ser conduzido ao Vaticano pelo melhor amigo do Papa, o rabino judeu de Jerusalém, Abraham Skorka. A história remete para o imaginário da banda desenhada: Henrique Cymerman, 55 anos, o repórter de que falamos, bem podia ser a mais conhecida personagem de Hergé, num álbum intitulado «Tintim, aventura no Vaticano». Cymerman gosta da analogia: «Nos meus tempos de estudante, nos maristas do Porto, já me chamavam Tintim. Até tinha um cão parecido com o Milu...»

Acabavam de se conhecer. Cymerman foi

mesmo pessoalmente guiado pelo Papa ao refeitório de Santa Marta, onde o Sumo Pontífice deu ordens para que lhe servissem almoço, e à equipa de reportagem que o acompanhava. Mas Henrique Cymerman não teve tempo para a sobremesa: pouco depois, era chamado à salinha de visitas, onde fora recebido. O Papa queria conversar. E a abordagem foi a matar: «Ouvi dizer que dominas o Médio Oriente...»

'Henrique resolve'

E a pergunta, senhores? O que pode o Papa fazer pela paz entre israelitas e palestinos, perguntou ele e perguntamos nós? Tal como nós esperamos uma resposta, também

Na presença do Papa, o jornalista telefonou para um assessor de Mahmud Abbas. Pouco depois, surgia o convite para visitar Belém

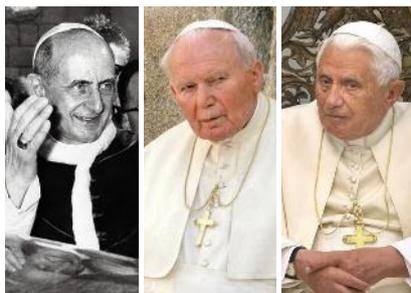
o Papa, olhando nos olhos o jornalista português, a esperou, num pesado silêncio de alguns segundos. Cymerman teve uma inspiração: «Para começar, é ir lá.»

Ir lá! Sim, poucos dias depois, Francisco haveria de receber o Presidente de Israel e prémio Nobel da Paz, Shimon Perez. «Sei que ele vai convidar-me a visitar Israel, mas eu precisava de ter, também, um convite do 'outro lado'.» Leia-se, da Autoridade Palestiniana. Henrique Cymerman não pestanejou: «Isso arranja-se já. Sua santidade dá-me licença?» E agarrou no telemóvel. Do outro lado, atendia um assessor do Presidente palestino, Mahmud Abbas. «Boa tarde, fala o Cymerman! Estou aqui no Vaticano, com o Papa Francisco, e passa-se isto assim, assim...» Foi na hora: «Encantados! O convite vai seguir oportunamente!» Nesse momento, o Papa desabafou com Cymerman: «Vou pensar muito a sério na tua ajuda!» E, se Cymerman fosse o Liedson e o Papa um adepto do Sporting, decerto que Francisco seguraria, a esta hora, um cartaz com uma frase que não se cansa de repetir, nas reuniões preparatórias da viagem, que têm decorrido no Vaticano: «O Henrique resolve!»

Poucos dias depois, com efeito, vinha o convite e – depois de Perez –, a visita do pró-

prio Presidente Abbas ao Vaticano. Henrique Cymerman ficava informalmente nomeado para «organizar» a visita do Papa. Estabelecendo contactos, desbloqueando dificuldades, falando com todos os lados envolvidos – o que inclui telefonemas regulares semanais para o Vaticano. «Sou jornalista, mas estou nisto por convicção ideológica. Foi o destino que me colocou aqui. O que eu puder fazer pela paz, faço», justifica-nos Cymerman, durante uma longa conversa telefónica de 1 hora e dez minutos, desde Israel.

Ele tem muito para contar. Afinal, o português é já considerado o melhor amigo dos melhores amigos do Papa: são eles Abraham Skorka e a argentina Alicia Barrios, uma espécie de biógrafa, porta-voz informal e confidente de Jorge Bergoglio. Ou do «padre Jorge», como lhe chama, e como o tratam os argentinos que o visitam. «Falo umas quatro vezes por semana com Alicia, a quem o Papa chama 'a minha rainha'», conta o jornalista. No Vaticano, no próprio dia em que conheceu o Papa, e em que a viagem a Israel foi decidida, Cymerman tornou-se logo um improvável conselheiro de Francisco: «Esta vi-



Papas na Terra Santa

Francisco é o 4.º Papa a visitar Israel e a Terra Santa. A primeira visita de um Papa aconteceu de 4 a 6 de janeiro de 1964, há 50 anos, tendo **Paulo VI** entrado em Jerusalém pela Porta de Damasco. De 20 a 26 de março de 2000, **João Paulo II** incluiu a sua viagem na celebração do Jubileu do ano 2000. E entre 6 e 15 de maio de 2009, **Bento XVI** marcou a sua presença num local que se tornou ponto de visita obrigatória para o bispo de Roma. Só João Paulo I, desaparecido prematuramente, não teve tempo para tal...

sita devia ser a primeira do seu pontificado, decidida por si [a viagem ao Brasil, em julho de 2013, estava agendada desde o consulado de Bento XVI]. Seria simbólico e importante para os dois lados em conflito.»

Papa quer fazer barulho

Nesse mesmo já longínquo dia de junho de 2013, Francisco confessaria ao jornalista português: «O meu maior sonho é abraçar aqui o amigo Skorka junto ao Muro das Lamentações, em Jerusalém!» Ou: «Admiro muito o Shimon Perez e gostaria de lá ir enquanto ele é presidente [o mandato acaba em julho deste ano]. É, dos políticos veteranos em exercício, o mais destacado.»

Ora, toda esta proximidade ao lado judaico, a admiração por Perez, as declarações a favor do diálogo entre católicos e judeus, a intimidade com Skorka – que se tornou visita assídua do Vaticano e, com Alicia Barrios, faz parte do *inner circle* do Papa – provocou desconfianças e bloqueios, quer junto da linha dura da Santa Sé, quer junto dos palestinianos, a começar pela presidente da Câmara de Belém, Vera Baloum, junto da qual ►

SÓCIO

ZERO EUROS

SEJA UM CAMPEÃO POR ZERO EUROS



JUNTOS SOMOS MAIORES!
SEJA SÓCIO DO BENFICA SEM PAGAR
E APROVEITE A OFERTA DE 3
MESES DE QUOTAS E 2 BILHETES*

SEJA AQUI
UM SÓCIO
CAMPEÃO



WWW.SLBENFICA.PT/ZEROEUROS



Apóstolo da reconciliação
O Papa pode estar a preparar uma declaração sobre o comportamento da Igreja durante o Holocausto

► Henrique Cymerman teve de gastar o seu «latim» para que se convencesse a receber o Papa. Aliás, Francisco fará a sua grande missa, precisamente, em Belém, dando assim a mão aos cristãos locais e importância à cidade controlada pela Autoridade Palestiniana. Isto, apesar da pressão israelita para que a principal cerimónia religiosa decorresse em Jerusalém...

Preocupado com a situação na Palestina e com a emigração forçada de cristãos acossados, Francisco pediu para ver os vídeos de várias reportagens assinadas por Henrique Cymerman. Pediu, também, para visionar a que o correspondente da SIC elaborou, no Vaticano, em 2013, para a estação portuguesa. Apertado pela Cúria Romana e pelos setores conservadores – que continuam a ver os judeus como o «inimigo» principal da Igreja de Roma –, Francisco cedeu na duração da viagem – apenas três dias, o que já inclui seis horas em Amã, na Jordânia e apenas 28 horas na cidade santa de Jerusalém. Mas o «padre Jorge» já piscou o olho aos amigos, com ar de miúdo prestes a fazer uma traquinice: «Vinte e oito horas em Jerusalém dá para fazer muito barulho», disse ele aos mais íntimos.

Minas & armadilhas

Ainda em 2013, Henrique Cymerman voltou ao Vaticano, acompanhando a visita do primeiro-ministro israelita, Benjamin Netanyahu. No avião, o estadista seguia sob grande tensão, tendo interrogado, toda a viagem, o jornalista português: como era o Papa,



Uma bomba de Francisco?

Num livro escrito a meias com o rabino de Jerusalém, Abraham Skorka, o então cardeal de Buenos Aires, Jorge Bergoglio, defendia a abertura de alguns arquivos ainda não conhecidos do Holocausto, em Roma, para que se soubesse toda a verdade sobre o papel da Igreja no período da II Guerra Mundial. Correm rumores de que Francisco possa fazer, durante esta viagem, ou logo a seguir ao regresso a Roma, algumas revelações e um ato de contrição relativamente à alegadas omissões do Vaticano (era Papa **Pio XII**), sobre o que se conhecia do Holocausto, durante a II Guerra Mundial, e a Igreja terá calado. A haver matéria para um pedido de perdão, isso teria, junto dos setores mais conservadores da Santa Sé, o efeito de uma verdadeira bomba.

quais as suas reais intenções... O embaixador (não residente) da Autoridade Palestiniana para o Vaticano, Issa Kaffiffieh, um cristão, que é conselheiro de Abbas e mora em Ramallah, esteve sempre em contacto com Cymerman e foi, também, decisivo para desbloquear as resistências de alguns setores radicais palestinianos, à visita do Papa. Francisco desloca-se a Israel num momento em que há uma crise profunda no diálogo entre as duas partes, que se encontra num impasse.

Em Roma, as coisas não têm sido mais fáceis. Alicia Barrios, a «rainha» do Papa, anunciou, na Argentina, há meses, que Francisco iria a Israel em maio deste ano, o que motivou um desmentido formal dos serviços da Santa Sé – que, assim, se sobrepunham ao Papa. E decorreu outro mês até que os mesmos serviços reconhecessem a vontade – e a intenção – de Francisco de deslocar-se à Terra Santa. Há poucas semanas, um dos mais influentes jornais de Israel preparava um editorial hostil com o título *Papa diz não ao Museu do Holocausto e ao Muro das Lamentações*. Um rumor posto a correr, desconfia-se, por setores críticos do Vaticano, que, assim, procuravam comprometer Francisco. É que o protocolo exige que todos os chefes de Estado que visitam Jerusalém se desloquem a um e a outro local – e o Papa é o Chefe de Estado do Vaticano. Sabendo o que o jornal *Yediot Ahronot* se preparava para escrever, Henrique Cymerman telefonou ao seu amigo Skorka que, do outro lado da linha, pegava num segundo telemóvel e ligava diretamente ►

► te para o Papa. Francisco caiu das nuvens: «O quê? Estás maluco?!» O desmentido, por antecipação, chegou a tempo de evitar a publicação da notícia – e do respetivo editorial. Por essas e outras é que o Papa deixou de confiar a terceiros o envio de emails e aprendeu a mexer em computadores...

E esta não foi a única armadilha que o jornalista português desativou: quando se colocou o problema da curta viagem entre Israel e o território controlado pela Autoridade Palestiniana, com dificuldades de toda a ordem para atravessar a fronteira, Cymerman fez os seus contactos e desbloqueou a situação. Em Roma, o «padre Jorge» comentava, mais uma vez: «O Henrique resolve»...

O judeu 'infiltrado'

O ecumenismo religioso praticado no Vaticano já deu origem a episódios curiosos, momentos históricos e falatórios subtterrâneos. Em setembro do ano passado, mais uma vez, o rabino argentino Abraham Skorka visitou o Papa. Quando está em Roma, ele faz parte das sete ou oito pessoas que almoçam ou jantam com o «padre Jorge», em refeições que não ultrapassam a meia hora – Francisco ufana-se de ser um homem ocupado e não tem muito tempo para almoçaradas... Por essa altura, decorria a festa religiosa judaica do *Fukot*, que inclui a bênção do vinho (o *Kidush*) e do pão (o *Hamotsi*). Quando chegou a altura, o rabino levantou-se (de uma mesa onde só havia cardeais) e retirou-se para um canto, onde iniciou as suas orações. Mas o facto não escapou ao «padre Jorge», que o chamou: «Vem cá! Faz aqui as tuas bênçãos, que nós queremos participar...» E foi assim que, pela primeira vez na História, um ritual judaico foi realizado, em hebraico, no coração do Vaticano. E no final, um Papa disse «Ámen». É verdade que nem todos os comensais gostaram – e que o episódio contribuiu para acumular mais um ponto na lista de «descréditos» de Francisco junto da Cúria. Se tudo fosse um vídeo jogo, o Papa havia perdido uma vida...

Mas Henrique Cymerman é testemunha direta do novo ar que se respira em Roma: «Contei ao Papa que, quando andava nos maristas, fui impedido, uma vez, por um padre, de jogar futebol com os meus colegas, todos católicos, porque eu era judeu. O Papa



Com Shimon Perez e Mahmud Abbas Em 2013, o Papa recebeu um duplo convite para visitar a Terra Santa. Henrique Cymerman teve um papel nisso...



ficou de lágrimas nos olhos. E disse-me: 'É para evitar que histórias como essa se repetam que eu aqui estou. O antissemitismo é um pecado'.»

Uma cunha para o Papa

A viagem do Papa será, assim, também, um momento ecuménico inédito. Com Abraham Skorka, que faz parte da comitiva papal, segue, também, o Mufti Omar, representante dos muçulmanos da argentina. De Istambul, viaja o patriarca ortodoxo de Constantinopla, Bartolomeu, chefe dos cristãos ortodoxos.

Viagem dá livro

Henrique Cymerman e Jorge Reis Sá estão a escrever um livro sobre a viagem do Papa Francisco à Terra Santa. Obra da autoria de um católico e de um judeu, com depoimentos de vários amigos do Papa, sobre as três temáticas que lá o levam: o ecumenismo, o conflito israelo-árabe e a perseguição aos cristãos naquela área. Terá também a colaboração expressa do próprio Papa Francisco em moldes que serão revelados quando do lançamento, no início de outubro, com a chancela da editora Guerra & Paz.

Francisco e Bartolomeu têm agendada uma reunião junto ao Santo Sepulcro, onde católicos e ortodoxos se envolvem, diariamente, em confrontos que atingem as vias de facto. A viagem passa pelo aconselhamento permanente de Henrique Cymerman, que tem contactos quase diários com Alicia Barrios, e com funcionários do Vaticano, mas também conversas regulares com o embaixador Issa Kaffiffieh, com os gabinetes de Netanyahu, Perez e Abas, ou com o assessor diplomático do Presidente israelita, Nadad Tamir: «Todos me usam como consultor. E eu faço isto porque sinto que posso dar uma ajuda para mudar a História!». E até há quem ache que ele tem mesmo uma espécie de «telefone vermelho» para Francisco. Que o diga o judeu de origem argentina Daniel Zaidenberg, que emigrou na juventude para Israel e vive, agora, num *kibutz*. Na infância e adolescência, ele conheceu o «padre Jorge». Jogava futebol na paróquia de Bergoglio. Através da internet, arranjou forma de descobrir um endereço no Vaticano, para onde enviou um *email*, identificando-se e pedindo para se encontrar com o Papa, durante a visita. Pouco tempo depois, recebia resposta escrita pelo próprio punho papal: «Dani, lembro-me muito bem de ti! Quero ver-te, e à tua família, mas, devido ao aperto da agenda da viagem, será difícil desta vez. Mas vais receber um convite para vires a Roma e para estarmos juntos!» Ainda assim, o antigo menino de Buenos Aires não desarmou. E telefonou para Henrique Cymerman: «Por favor, arranje-me lá um encontro com o Papa! Quaisquer 30 segundos chegam...»

Talvez Henrique Cymerman possa, como Francisco, fazer alguma coisa pela paz. Mas poderá ele fazer alguma coisa pelo Daniel?...